



A exclusão invisível

Elisa Maria Baggio Saitovitch (CBPF) - Coordenadora
Renata Zukanovich Funchal (IF-USP)
Maria Cristina Batoni Abdalla Ribeiro (IFT-UNESP)
Marcia Cristina Bernardes Barbosa (IF-UFRGS)
Suani Tavares Rubin de Pinho (IF-UFBA)
Ademir Eugênio de Santana (IF - UnB)

Membros da Atual Comissão de Relações e Gênero da SBF

Norbert Elias [1,2] estimava que a principal revolução desencadeada pela sociedade ocidental em toda a sua história aconteceu no século XX, quando as mulheres conquistaram o direito a uma identidade própria, sem a necessidade de se definir a partir de sua relação com o pai ou com marido. Entretanto, este direito ainda hoje não é pleno em muitos aspectos, como é o caso da participação feminina em áreas das ciências como a física.

Uma alegoria dessas lutas é o dia 8 de março, escolhido pelas Nações Unidas como o dia internacional da mulher. Atualmente, cerca de setenta nações adotam esta data, que faz referência a greve de mulheres russas no prenúncio da revolução de 1917. Neste ano, no Brasil, além dos 35 anos da existência do Dia Internacional da Mulher, comemoramos os 80 anos de direito ao voto feminino. Essas conquistas passam por organizações políticas e acadêmicas/científicas como a ABRASCO ou como, no âmbito governamental, a recente Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República – SPM/PR[3-6].

Um resultado dessa mobilização é que por vezes transparece para a sociedade, através da mídia de massa, uma certa igualdade de gênero social. Contudo, isto não acontece, nem mesmo de modo razoável: a mulher continua a receber salários defasados, a ser brutalizada fisicamente, e a ocupação de espaços sociais permanece desequilibrada; de modo que a suposta identidade própria permanece comprometida [6,7].

A busca por identidade social própria é uma das respostas fundamentais à histórica violência contra a mulher. Esta violência possui um caráter explícito, associado muitas vezes à vergonha e ao preconceito, e outro implícito, marcado também pelo preconceito, mas caracterizado por certa invisibilidade social. Os temas sobre o gênero de caráter mais explícito vêm sendo sistematicamente estudados e discutidos, com pesquisas que tratam desde questões éticas ligadas a liberdade de cátedra e gênero [8,9], literatura e cinema [10] até a violência corporal e moral das mulheres [11]. Por outro lado, os temas de natureza mais implícita estão sendo desenvolvidos, mas em escala muito menor. Um exemplo dessa violência implícita contra a mulher é traduzido pela observação da porcentagem de doutorandas nas áreas da física em alguns países: EUA, 13%; França, 26%; Alemanha, 10%; Brasil, 15% [12-15]. A este tipo de constatação, as análises de senso comum apontam para uma reificação de conceitos ingênuos, que se fundam no

desconhecimento ou na não-aceitação preconceituosa de contribuições que mulheres legaram às ciências físicas.

Dois exemplos são aqui suficientes para desmistificar a falácia, dentre outros argumentos de mesma natureza, da falta de capacidade biológica da mulher para as ciências físicas e matemática. O primeiro é o trabalho de Marie Curie em física subatômica, que resultou-lhe ser laureada com dois prêmios Nobel [16]. O outro exemplo desse legado é o da professora Emmy Noether: seus resultados sobre simetrias, parcialmente resumidos no famoso *teorema de Noether*, fundamentam *todas* as teorias da física moderna [16,17].

Esses exemplos expressivos são indicativos de que a participação percentualmente mínima das mulheres na área de física tem origem em elementos de exclusão construídos socialmente ao longo de séculos. Entretanto, persiste o referido manto de invisibilidade social, que embota a análise objetiva desse processo. Nesta perspectiva, o Conselho da Sociedade Brasileira de Física (SBF) instituiu, em 2003, a Comissão de Relações de Gênero, com o objetivo de levantar e estabelecer ações para que atividades em física no país sejam conduzidas independentemente de gênero e etnia. As ações desta Comissão da SBF, como estudos sobre a participação da mulher na física brasileira e a promoção do debate sobre essa problemática, constituem acréscimos ao processo, a que se referia Norbert Elias, de conquista feminina da identidade social própria; processo que traz em si implicações para toda a sociedade.

Referências bibliográficas

1. Norbert Elias, *A Sociedade dos indivíduos*, Paris, Fayard, 1990.
2. Nathalie Heinich, *A sociologia de Norbert Elias*, Bauru/SP, EDUSC, 1997.
3. Tânia M. Fontenele-Mourão, *Mulheres no topo da carreira*, Brasília, Publicação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.
4. Francisco M. Paz, *Senadoras: dados biográficos*, Brasília, Secretaria de Arquivo, Senado Federal, 2004.
5. Leila L. Barsted, *Os avanços no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres*, em: *Autonomia econômica e empoderamento da mulher*, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, Ministério das Relações Exteriores, 2011.
6. Tania N. Swain, *Voto Feminista, primeira conquista*, www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=487; 2012.
7. Pierre Bourdieu, *A Dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
8. Débora Diniz, Samantha Buglione, Roger R. Rios, *Entre a dúvida e o dogma*, Brasília, Letras Livres, 2006.
9. Wendy Rogers, Angela Ballantyne, *Populações especiais: vulnerabilidade e proteção*, em: *Ética em pesquisa: temas globais*, Debora Diniz, Andréa Sugai, Dirce Guillhem, Flávia Squinca [Eds.], Brasília, EdUnB (2008).
10. Cíntia Schwantes, *Genealogias de gênero: orientações de dissertações e teses no grupo de trabalho A Mulher na Literatura*, em: *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*, Org. Cristina Stevens, Florianópolis, Editora Mulheres, 2010.
11. Kátia S. Braga, Elise Nascimento [Orgs], Débora Diniz [Ed.], *Bibliografia Maria da Penha: Violência contra a mulher no Brasil*, Brasília, Letras Livres e EdUnB, 2006.

12. Rachel Ivie, Kim .N. Ray, *Women in Physics and Astronomy*, American Institute of Physics Report, 2005 (www.aip.org/statistics).
13. D.A. Agrello, R. Garg, *Mulheres na Física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento*, Rev. Bras. Ens. Fis. **31**, 1305 (2009)
14. Marcia C.B. Barbosa, J.J. Arenzon <http://www.if.ufrgs.br/~arenzon/bolsa/>
15. Physics World special issue: Women in Physics
<http://physicsworld.com/cws/article/print/17749>;<http://www.aip.org/statistics/trends/highlite/women/iupap.htm>.
16. Nina Byers, Garry Williams (Eds.), *Out of the shadows: contributions of Twentieth-Century women to physics*, Cambridge Univ. Press, New York, 2006.
17. James W. Brewer, *Emmy Noether: A Tribute to her life and work*, ed.: Martha K. Smith, Marcel Dekker, 1981.